

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : DESPCLASS. : 22DATA : 09 03 91PG. : 03

Uma concepção real de fronteira

Um dos muros do quartel-sede do Batalhão Especial de Fronteira em Tabatinga — limite extremo da presença brasileira organizada na fronteira de nosso território com a Colômbia e com o Peru — ostenta frase que merece registro: “Aqui começa o Brasil”. Estrangeiros, armados ou não, autispensados das formalidades legais que autorizam sua presença em território nacional, não emprestam nenhuma atenção ao lema. Transitam sem maiores cuidados, exercendo atividades lícitas ou ilícitas, até mesmo atacando, quando lhes convém, soldados brasileiros. O grave é que largos setores da sociedade brasileira também parecem não estar muito preocupados com as palavras escritas no muro do batalhão de fronteira. Se assim não fôsse, primeiro não se teria chegado a tanto descuido com o que é, enfim, tão território brasileiro quanto o Rio ou São Paulo; e, depois, outro seria o tratamento, tanto orçamentário quanto político, das necessidades reais de quem tem a obrigação de defender o que é nosso.

Será preciso repetir sempre que às Forças Armadas cabe constitucionalmente

defender as fronteiras, do mesmo modo que cabe aos poderes políticos oferecer os meios efetivos para que essa função seja desempenhada a contento. Quais são de fato as reais necessidades para defender, com alguma eficiência, a impressionante faixa de 6,7 mil quilômetros de extensão que define a fronteira norte do Brasil? A ocupação econômica-militar de mais de 14% da área do País está garantida pela simples presença de 1,6 milhão de habitantes civis, boa parte deles índios, e alguns batalhões de fronteira? Que reação se viu nos poderes políticos em relação a esses números e à ousadia de um ataque guerrilheiro que com grande probabilidade tem fortes vínculos com o garimpo ilegal de ouro? Isso sem lembrar a presença na área dos traficantes e dos contrabandistas.

É evidente que a proteção dessa extensão de Brasil depende essencialmente da concepção de fronteira que a sociedade e seus quadros dirigentes possuem. Se fronteira é “pedaço esquecido” — que se formos ocupar um dia expulsaremos o invasor —, podemos começar a conformar-nos com a idéia de que o Brasil en-

colheu! Se pretendemos ter uma outra perspectiva do que é fronteira, convém começar a entender que quem a defende precisa ter à disposição os meios adequados e a doutrina correta, militarmente falando. Recursos humanos despreparados e sem equipamento, contrangidos sempre pela falta de recursos orçamentários, produzem força armada de pequena eficácia. O primeiro resultado desse estado de coisas é uma fronteira transformada em “santuário” da guerrilha, hoje colombiana!

Se o que o País reclama é uma concepção real, nacional, de fronteira, impõe-se o equipamento dos que têm a obrigação de defendê-la, além do estudo aprofundado de que tipo de Forças Armadas o País pretende. Essa é tarefa de toda a sociedade e não apenas dos militares. A morte de brasileiros na fronteira norte deve ter o sentido de despertar de novo a consciência patriótica.

Ou tomamos consciência disso ou será o caso de notificar o comandante daquele batalhão de fronteira que o escrito no muro do seu quartel não tem mais razão de ser.